

Para Figueiredo, a crise é grave

Rio — O general da reserva Euclides de Figueiredo, ex-comandante da Escola Superior de Guerra (ESG) e irmão do ex-presidente da República, João Figueiredo, disse ontem que a crise gerada pelos baixos soldos dos militares pode trazer graves consequências para o País. "O Governo está sentado em cima de um vulcão", advertiu o oficial, referindo-se ao clima de insatisfação nos quartéis. Ele considera inaceitável que um contínuo do Congresso Nacional ganhe atualmente mais do que um general de quatro estrelas.

"O Exército está cada dia mais proletário", disse, ao criticar a falta de investimentos do Governo na área militar.

Euclides de Figueiredo e o ex-presidente João Figueiredo compareceram ontem à missa de sétimo dia em memória do ex-presidente da Itaipu-binacional, general José da Costa Cavalcanti, na Igreja de Santa Cruz dos Militares, no Centro do Rio. Para Euclides de Figueiredo, o papel de porta-voz dos militares exercido pelo deputado federal e capitão da reserva Jair Bolsonaro (PDC-RJ) reflete a falta

de liderança dos ministros das Forças Armadas entre os seus comandados.

Figueiredo, que é candidato a vice-presidente da Associação dos Diplomados da ESG, já foi punida duas vezes por suas declarações: em 1989, no Governo Sarney, quando cumpriu 10 dias de prisão por ter chamado de covarde o ex-ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, e em 1990, já no Governo Collor, quando foi advertido por ter criticado o Presidente da República.